UBUNTU E A IGUALDADE DE GÊNERO NUMA PERSPECTIVA DO FEMINISMO DO MATRIARCADO

Itelvina Jose Fernandes [1], Bas´ilele Malomalo [2]

RESUMO

Desigualdades entre homens e mulheres é parte do que se considera hoje como a crise planetária. Esse trabalho considera o feminismo como um movimento político e científico marcado pela diversidade de abordagens, embora o seu foco, em todos lugares, seja a emancipação das mulheres. O feminismo africano não escapa desta constatação. O projeto de investigação em pauta fez uma opção teórica específica pelo pensamento feminista do matriarcado das duas nigerianas, Ifi Amadiume e Oyeronké Oyewumi cujo pioneirismo e originalidade comovem qualquer espírito investigativo. O que nos interessa é averiguar de que forma o seu pensamento está ou não está presente nos documentos, considerados como pan-africanistas, que almejam a defesa de direitos de mulheres. O plano de trabalho, que executamos, tinha por objetivo compreender a relação existente entre Ubuntu e a as teorias de gênero das feministas africanas do matriarcado conceituado pelas duas feministas pré-citadas; analisar os documentos da União Africana e do Banco Africano do Desenvolvimento e a sua relação com a filosofia do Ubuntu. Percebeu-se que essas filosofias africanas comportam elementos comuns ao considerar a realidade existente como um movimento, um Ser-sendo, dinâmico e relacional. Todavia, o grande problema é que apesar dos avanços teóricos, as decisões políticas continentais não levaram ainda a emancipação total das mulheres.

Palavras-chave:

Matriarcado. Ubuntu. Feminismo. Igualdade. Mulheres.

[1] UNILAB, IHL MALÊS, Discente, e-mail: itelfermendes@gmail.com
[2] UNILAB, IHL MALÊS, Docente, e-mail: basilele@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é parte de um macro projeto intitulado “Ubuntu/Bisoidade como projeto alternativo de sociedade diante da crise social, econômica, jurídico-política e ambiental do modelo desenvolvimentista ocidental: um olhar a partir da América Latina da África” que parte do pressuposto de que existe um consenso entre os/as intelectuais progressistas de que o modelo do desenvolvimento capitalista levou a humanidade a uma crise global cujos efeitos se fazem sentir na vida social, econômica, política, jurídica, cultural, espiritual, estética e ambiental. Para se encontrar saídas, faz-se apelo a novas formas de produção de conhecimento para se pensar um novo projeto de sociedade. Dentro deste contexto, é que esse projeto busca executar um conjunto de atividades investigativas pautando-se na literatura dos/as intelectuais africanos/as e afro-diaspóricos/as que dialogam com a filosofia ancestral do Ubuntu/Bisoidade visando pensar um projeto alternativo de sociedade. Nesse sentido, privilegia-se as iniciativas das mulheres africanas no combate à violência e às desigualdades, tendo-se em conta o debate africano sobre a relação de gênero e o desenvolvimento sustentável.

METODOLOGIA

A metodologia empregada aqui é interdisciplinar, seguindo os princípios dos Estudos das Humanidades, Estudos Africanos, Estudos do desenvolvimento e de Gênero. Para a coleta de dados, foi empregada pesquisa bibliográfica e documental, sendo a primeira modalidade desenvolvida a partir dos materiais já elaborados, constituído principalmente, de livros e artigos científicos; e a segunda, feita com base em. documentos que não receberam um tratamento analítico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada povo tem a sua forma de expressar ou de caracterizar o mundo que os rodeiam, e isso tem acontecido ao longo dos séculos, talvez variando de lugar para lugar de várias maneiras, tanto filosófico assim como religioso ou cientifico e até cultural.

Ao indagar sobre a filosofia, Ramose (2011) lembra-nos que esta significa, etimologicamente, amor à sabedoria, e a experiência humana é o caminho inevitável para o começo dessa caminhada à sabedoria, pois onde quer que haja o ser humano, há também experiência humana. Nesse sentido, percebe-se que a filosofia existe em toda parte do mundo. Cada sociedade tem a sua filosofia de vida, sendo assim, a filosofia não é universal, mas sim pluriversal. Não obstante, a filosofia africana é tão antiga tanto quanto o próprio continente.

A filosofia Ubuntu é uma das filosofias mais conhecidas do continente africano, que ficou mais conhecido com o ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela (mandato de 1994 – 1999). Uma ética que se agrega à ideologia comunitária. (BOSCO, 2006).

Ubuntu é uma palavra que existe em duas línguas étnicas da África austral, ‘línguas bantas’ (Zulu e Xhosa), mas que seu espírito está presente quase em todo continente africano, pois demonstra a compreensão de relação do indivíduo e a comunidade, a ideia de coletividade, um conceito moral, uma filosofia, um modo de viver, que se contrapõe ao individualismo existente nas sociedades ocidentais capitalistas neoliberais.

Kwame Gyekye (2002) fez ressalvar quão se pode constatar que muitas das sociedades tradicionais africanas caracterizam-se pela ideologia do comunitarismo, onde a influência do grupo predomina sobre o indivíduo. Argumentando que as sociedades negro-africanas colocam mais pressão sobre o grupo que sobre os

indivíduos, mais na solidariedade que sobre as atividades e necessidades individuais, mais na comunhão das pessoas que em sua autonomia. Considerando uma pessoa por natureza, um ser social comunal, como algo definido ou conferido pela comunidade e como algo que não deve ser adquirido pelo individuo particularmente. O fato do povo Akan, onde Kwame (2002) mostra que a busca ou a prática da virtude, de moral, é mantida como algo ligado à concepção de uma pessoa. Por exemplo, se uma pessoa for egoísta, orgulhosa, problemática, não respeita os outros, não seria considerado "um ser humano". Ela é uma pessoa só se tiver reunido estas características, ter um bom caráter, ser pacífico, tem respeito para com os outros, humilde, e enfim, ser essencialmente bom. (KWAME GYEKYE, 2002).

Ubuntu, para Ramose (2011), é uma palavra no modo conjuntivo (gerundivo). É o abstrato que exprime a filosofia praticada pelos povos da África austral falante do Bantu. Ele compartilha o caráter de gerundivo (gerundive), isto é, a ideia de tornar-se. Ser é ente como manifestações do movimento, como princípio do Ser (uma coisa em andamento). A concepção filosófica ubuntu do mundo é que "Coisas não tem a fixidez; e é inflexibilidade que acreditamos que elas tenham. As coisas são mutáveis e em movimento na Terra, no céu, em baixo d'água" (RAMOSE, 2011, p. 12). Em outras palavras, para este autor, ubuntu é, na verdade, duas palavras em uma. Consiste no prefixo ubu e a raiz, ntu. Ubu que evoca a ideia geral de ser-sendo. Ele é o ser-sendo encoberto antes de se manifestar na forma concreta ou modo da ex-istência de uma entidade particular. Sempre orientado em direção ao descobrimento, isto é, manifestação concreta, ubu está sempre orientado em direção a ntu. No nível ontológico, não há separação estrita e literal ou divisão entre ubu e ntu. Ubu e ntu não são duas realidades radicalmente separadas e irreconciliavelmente opostas, são un-idade indivisível.

Feminismo Africano e o Ubuntu

O feminismo africano é marcado pelo pluralismo ideológico e metodológico. O ponto comum apesar dessas diferenças é o colocar-se de mulheres africanas em movimentos para a superação da dominação masculina e racista. Nesse sentido, quem diz movimento está afirmando o Ubuntu desses sujeitos históricos, pois em ubuntu tudo está vinculado e em movimento (ser sendo em andamento).

A conjuntura do matriarcado se contextualiza em reconhecer uma determinada localidade onde o poder e as lideranças são controladas por mulher, não só dentro de família, mas também como na política e nas outras denominações sociais. O fato, ou seja, a realidade das antigas sociedades africanas. Nas sociedades matriarcais a mulher é centralizada como o pilar da sociedade. Contudo na atualidade o modelo que temos da família das sociedades modernas, são modelos euro-americanas, por exemplo, a família ou núcleo familiar é constituído por pai, mãe e filhos, diz Oyèwùmí (2004) uma casa uni-familiar centrada por uma mulher subordinada ao esposo, um pai/marido patriarcal, e as filhas e os filhos. Ressaltando outra dimensão, razão pela qual o gênero não deve ser tratado por seu valor nominal, isto é, acatado particularmente ocidental, apesar de esta forma de famílias estão cada dia mais alienígena pelos africanos, por conta de uma colonização e neocolonização europeia.

O povo do sudoeste da Nigéria (Iorubá) os papéis ou laços de parentesco não são diferenciados por gênero. De acordo com Oyèwùmí (2004) os centros de poder dentro da família Iorubá são difusos e não são especificados pelo gênero ou sexo biológico.

"Dentro da família Iorubá, 'Omo', a nomenclatura que para criança, é mais bem traduzida como prole. Não há palavra que denotem individualmente menina ou menino na prime.

Amaduime vem reforçar esta demanda, dizendo que o Igbo do sul da Nigéria também não faz distinção entre masculino e sujeito feminino e "pronomes objeto (significa que ele ou ela; ya significa que é ele ou é ela em Igbo) e isso permite ver e abordar uma mulher ocupando um papel tipicamente visto como um homem sem restrições de linguagem e estigma" (AMADUIME, 2001, p. 8). Dessa forma é que essas duas autoras compreendem que a categoria de gênero, sendo uma construção política e teórica euro-americano, deve ceder lugar as categorias de senioridade e de matriarcado.

Fizemos a análise do ''Protocolo da carta africana dos direitos do homem e dos povos relativos aos direitos de mulheres na África'' e percebemos, conforme o seu artigo 66, prevê-se a adoção de protocolos ou acordos especiais pela parte dos Estados, quando necessário, para complementar os acondicionamentos da Carta. O

Artigo 02 da mesma Carta, proíbe todas as formas de discriminação baseadas na raça, etnia, sexo, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra opinião ou qualquer outra situação discriminatória. A Carta reconhece o papel crucial das mulheres na preservação dos valores africanos com base nos princípios de igualdade, paz, liberdade, dignidade, justiça, solidariedade e democracia.
Apesar de existir resoluções, declarações, recomendações, decisões, convenções e outros instrumentos regionais, sub-regionais, continental que visam à eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e a promoção da igualdade entre mulheres e homens, o que se percebe, na prática, é que a dominação masculina, a discriminação contra mulheres africanas continuam presentes no continente.

CONCLUSÕES

Para superar essa situação de dominação das mulheres africanas, concordamos com Ramose, Oyewumi, Amadiume, Ntumba que é preciso que as epistemologias africanas, cujas filosofia do Ubuntu e o feminismo do matriarcado são partes, sejam levadas em contas pelos agentes do Estado, do setor privado e da sociedade civil, no momento de se desenhar e executar políticas públicas das nações africanas e voltadas para as mulheres. Compreende-se que a filosofia africana do Ubuntu e o feminismo do matriarcado estão ligados enquanto construções sociais e culturais. O ponto comum é que concebem a existência na sua dimensão relacional.

Percebeu-se igualmente que existem pontos de convergências entre o feminismo africano com foco em gênero e com foco no matriarcado no que tange a defesa de vida de mulheres. Como existe igualmente convergência entre a última vertente do feminismo africano com o pensamento de Ubuntu pela sua consideração em muitos princípios endógenos africanos como a concepção comunitária da vida e a sua dimensão cósmica e processual.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos ao Prof. Dr. Bas´Ilele Malomalo, coordenador e orientador do nosso trabalho e ao Programa de Iniciação Cièntifica da UNILAB (PIBIC) que nos forneceu a bolsa.

REFERÊNCIAS

AMADIUME, Ifi. Reiventing Africa: Matriarchy, religion and culture. 2th. Ed. London/New York: Zed Book, 1997/2001.
AMADIUME, Ifi. 6th Ed. Male daughters, femele husbands : gender and sex in Africa society. London/New York: Zed Book, 1987/1998.

BORGES, Manuela. Educação e gênero: assimetrias e discriminação na escolarização feminina em Bissau. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. A mulher em África: Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri, 2007, p. 72-88.

KASHINDI, Jean-Bosco Kakozi. Una comparación entre ubuntu como antología relacional en la filosofía africana bantú y el planteamiento nosótrico. Su relevancia en estudios sobre afrodescendientes. Fundaciíon Sur, 10 julio 2013, p. 49-57. Disponível em:
http://www.africafundacion.org/spip.php?article14940. Acessado em 17 fev. 2013.
GYEKYE, Kwame. Person and Community in African thought. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 297-312. Tradução para uso didático por Thiago Augusto de Araújo Faria.
MALOMALO, Bas´Ilele. Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2014.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8. Traduzido por Juliana Araújo Lopes. Disponível em:. http://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html. Acessado em: 10 abril 2017.

OYÈWÚMI, Oyèronké. Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. Signs, Vol. 25, No. 4, Feminisms at a Millennium (Summer, 2000), pp. 1093-1098. Tradução para uso didático. Traduzido por Aline Matos da Rocha. Disponível em:. http://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html. Acessado em: 10 abril 2017.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e estudo da filosofia africana. In: Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011, pp. 9-25. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf. Acessado em 17 fev. 2016.

____. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de : RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham
P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.